

Os parentes e amigos desencarnados nos receberão após a morte?



Paulo Neto

Os parentes e amigos desencarnados nos receberão após a morte?

(Versão 2)

“Está confirmado que os seres que se amaram se reencontram no mundo dos Espíritos, mas parece, além do mais, segundo muitas respostas análogas, que podem seguirem-se, algumas vezes, numa outra existência corporal [...]” (ALLAN KARDEC, *Revista Espírita* 1859)

“A morte não pode suprimir o amor, nem tampouco impedir a reunião de duas almas que se amaram na Terra.” (A. H. STOCKWELL, *A Crise da Morte*)

Paulo Neto

Copyright 2023 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://chicodeminasxavier.com.br/wp-content/uploads/2018/03/DESENCARNE.jpg>

Revisão:

Artur Felipe Azevedo
Hugo Alvarenta Novaes

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, outubro/2023.

Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	10
Passagens bíblicas explicadas com o conhecimento espírita.....	13
No teor de “cartas consoladoras” se tem a confirmação desse fato.....	57
Todos serão acolhidos por parentes e/ou amigos?.....	60
Os sentimentos negativos dos encarnados....	76
Conclusão.....	82
Referências bibliográficas.....	84
Dados biográficos do autor.....	87

Prefácio

Nesta obra, o autor tece uma malha intrincada de referências sobre o momento de transição para morte - quando ocorrem, para nos receber, os desencarnados a quem nos ligamos pelos créditos, mas, também, pelos débitos.

Paulo Neto mergulha na história, extrai da Bíblia numerosas citações, viaja nas palavras de Allan Kardec, atravessa justificados momentos da obra de Ernesto Bozzano e embasa sua conclusão: nos encontraremos com muitos que, de uma forma ou outra, participaram da recém-finda existência terrestre.

Esse “reencontro” faz parte da visão espírita sobre a vida após a morte, que inclui a ideia de que a morte não representa o fim da existência, mas sim uma mudança de estado. Aceitamos que a(s) vida(s) é um processo de aprendizado contínuo e consiste na possibilidade da evolução espiritual ao longo de várias encarnações.

A crença em uma vida após a morte é uma ideia que remonta a muitas culturas e tradições religiosas antigas, mitologias e filosofias em todo o mundo.

Nos registros históricos, encontramos a certeza do pós-vida já dentre os egípcios - que desenvolveram complexos rituais funerários e crenças sobre a passagem da alma para o além. O Livro dos Mortos era uma coleção de textos funerários usados para orientar os mortos em sua jornada após a morte.

Na mitologia grega e romana, havia a crença em um submundo, governado por divindades onde as almas dos mortos eram consideradas capazes de continuar sua existência de alguma forma após a morte.

Muitas religiões asiáticas, como o hinduísmo e o budismo, têm concepções específicas de reencarnação. Acreditam que as almas passam por ciclos de nascimento, morte e renascimento, com base nas ações (karma) realizadas nesta, e em vidas anteriores.

O Judaísmo, Cristianismo e Islã, conhecidos como religiões abraâmicas, compartilham algumas crenças sobre a vida após a morte. No Cristianismo, por exemplo, a crença na ressurreição dos mortos é central.

Mas, como é o momento da transição? Há alguma omissão.

Paulo Neto mergulha na dúvida: como seria o momento em que abrimos os olhos que já não está conectado a um cérebro físico?

Neste momento fiz rápida pesquisa na internet sobre essa temática, e me surpreendi com o seguinte conceito:

Como qualquer crença relacionada ao além-vida, a visão espírita sobre o reencontro com parentes após a morte é uma questão de fé e espiritualidade.

Discordo.

Essa afirmação vem ao encontro do desconhecimento sobre as pesquisas mais recentes

acerca da Consciência, que vem sendo conduzidas em diversas universidades, sobretudo no Exterior.

O que eles chamam de “consciência”, nós chamamos de Espírito, ou seja, seria como num computador; nós temos o hardware (a máquina) e o software (programa). A máquina envelhece, nem sempre dá para ir para o concerto, mas os programas seguem intactos, prontos para funcionarem em outro PC.

Inúmeros cientistas hoje se debruçam na investigação de a Consciência existir (ou não) sem o cérebro físico. Esse dualismo é amplamente discutido até os dias de hoje, mas já marcando larga vantagem para os que investem na ideia de que mente (Espírito) e matéria são duas coisas distintas.

O Homem chegou em Marte, e, no entanto, pouco sabe sobre si próprio - seu eu, sua consciência, seu Espírito.

Talvez porque, quando o tema do pós-morte deixar de ser questão de “espiritualidade” e passar a integrar o mais sólido conhecimento humano sobre a

nossa bio-natureza, teremos que enfrentar verdadeiras “guerras santas”.

Por quê? Porque as 3 grandes denominações (Cristianismo, Islamismo e Judaísmo) negam que se vive depois da morte. Estamos falando de cerca de 6 ou 7 bilhões de pessoas – que vão desde simples crentes até aquelas nutridas do mais alto fervor religioso, capazes de matar em nome de deus.

A Espiritualidade maior é sábia e tem noção de que neste momento a humanidade não está preparada para encarar a existência terrena com mais responsabilidade e responder por seus próprios atos.

Séculos de História, como tão bem foram listados por Paulo Neto, são sementes para o Amanhã. Os elos que o autor teceu entre conceitos bíblicos, comparados com os expostos pelos espíritos da Codificação do Espiritismo, e endossados por outros autores mais recentes, atestam que sim, quando partimos dessa existência, toparemos de frente com os que amamos e com o nosso passado – tenha sido ele virtuoso ou devastador. Aquele com

quem temos créditos se nos acercarão com seu apoio e nos ajudarão a ingressar na nova vida.

Essa somatória de relatos listados coerentemente por Paulo Neto, nos aponta para uma verdade histórica: nossos parentes e amigos, que nos antecederam, lá estarão por nós.

Tem um ditado que diz: quem viver, verá.

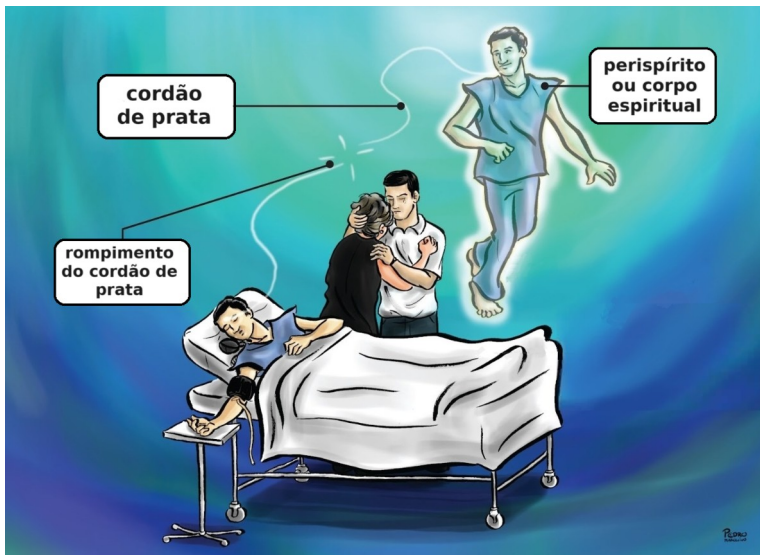
Eu diria: quem morrer, verá.

Sonia Rinaldi

Novembro/23

Introdução

O que nos ocorrerá no momento da morte está bem representado nesta imagem (1):



A alma ou Espírito têm um envoltório ao qual denominamos de perispírito ou corpo espiritual, que tem a função de ligá-la ao corpo físico. Na morte essa ligação se desfaz com o rompimento do “cordão de prata” e a alma se torna tal e qual um pássaro

livre.

Em realidade a morte só atingirá o corpo físico, pois o Espírito, sempre envolto com o perispírito, é indestrutível. Em suas aparições o Espírito se apresentará nesse seu corpo fluídico, também designado de corpo espiritual. É ele que se vê quando das aparições.

Certamente que aqueles que acreditam em vida após a morte têm forte esperança de que seus parentes e amigos desencarnados possam recebê-los à porta de entrada no além-túmulo.

Nada mais justo e compreensível. Mas essa ideia viria de onde? Presumimos que é da intuição que surgiu em razão de vermos pessoas à beira da morte começarem a falar ou apontar para parentes que já transpassaram o portal da morte. Para algumas pessoas, elas estariam com a mente em estado de perturbação, daí os “verem” ou, às vezes, até “conversarem” com eles.

Na Introdução de ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, Allan Kardec apresentará no tópico “IV – Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do

Espiritismo”, vários pensamentos de Sócrates (470-399 a.C.), filósofo grego; dentre eles destacamos:

XI. De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta ou é a passagem da alma para outro lugar. Se tudo deve extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonhar e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Todavia, **se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para um lugar onde os mortos devem reunir-se, que felicidade a de lá encontrarmos aqueles a quem conhecemos!** O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e de distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam como tais e não o são. Mas é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vós para viverdes. (Sócrates aos seus juízes.) ⁽²⁾ (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Será que o Espiritismo poderá nos dar informações a respeito da possibilidade de “encontrarmos aqueles a quem conhecemos”? É o que nos propomos a responder no presente ebook.

Passagens bíblicas explicadas com o conhecimento espírita

Vejam os a “Parábola do mau rico e Lázaro” narrada no Evangelho de Lucas, que, como se sabe, é o único autor bíblico que a menciona. Usando-nos como fonte a **Bíblia de Jerusalém**, lemos:

*“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteara com requinte. Um pobre, chamado **Lázaro**, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lambe-lhe as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e **foi levado pelos anjos ao seio de Abraão**. Morreu também o rico e foi sepultado.*

Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. Então exclamou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama'. Abraão respondeu: 'Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e

Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós'.

Ele replicou: 'Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até a casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento'.

Abraão, porém, respondeu: 'Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam'. Disse ele: 'Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão'. Mas Abraão lhe disse: 'Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão'." (Lucas 16,19-31). (3)

Essa parábola é também analisada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no cap. XVI - Não se pode servir a Deus e a Mamom, cujo destaque é a questão da dificuldade da salvação dos ricos. Mamom é uma palavra hebraica que significa riqueza. (4)

Sem negar o quanto é difícil a um rico se salvar, pois, de fato, isso é bem uma verdade,

vamos, porém, tratar essa passagem por uma outra ótica, mantendo-nos firmes no propósito de realçar alguns os princípios doutrinários.

O primeiro ponto que destacamos no texto bíblico é o fato de que, por ele, se pode concluir que a alma conserva sua individualidade após a morte, o que confirma o acerto da resposta dos Espíritos Superiores a Kardec sobre isso constante em **O Livro dos Espíritos**:

150. *Após a morte, a alma conserva a sua individualidade?*

“Sim; **jamais a perde**. Que seria ela, se não a conservasse?”

150-a. *Como a alma constata a sua individualidade, uma vez que não tem mais o corpo material?*

“Ela tem ainda um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu **perispírito**.” ⁽⁵⁾

Visando tornar mais fácil a apresentação de nossas considerações ao texto bíblico, destacaremos os trechos, que julgamos importantes para análise,

buscando dar-lhes uma visão espírita.

a) ***“Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão”***

Os anjos representam os Espíritos, que, no mundo espiritual, prestam assistência àqueles que, pela morte, saem do mundo físico.

São, como popularmente se diz, “gente como a gente”; apenas que estão fora da carne e, com certeza, num estágio evolutivo superior ao nosso, o que lhes permitem nos ajudar no momento em que regressamos à nossa pátria de origem: o mundo espiritual.

No texto bíblico, eles, os anjos, foram os Espíritos que participaram do processo de desencarnação de Lázaro e depois o levaram para onde se encontrava Abraão, considerado como o primeiro patriarca hebreu.

Entre esses Espíritos podemos, inclusive, encontrar alguns parentes desencarnados, porquanto, os laços de amor são eternos, jamais se rompem com a morte física.

Em *O Livro dos Espíritos*, no item 100, vamos encontrar elementos com os quais se pode elaborar a escala espírita. Aqui a temos representada nesta imagem publicada no site [Guia - Heu](#) (6):



De *O Livro dos Espíritos*, destacamos as seguintes questões:

128. *Os seres que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos?*

“Não; são **Espíritos puros**: os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições.”

129. *Os anjos percorreram todos os graus da*

escala?

“Percorreram todos os graus, mas, como já dissemos, uns, aceitaram sua missão sem murmurar e chegaram mais depressa; outros gastaram um tempo mais ou menos longo para chegar à perfeição.” (7)

Então, podemos dizer que os Espíritos puros, dentro da visão espírita, são os que, nas correntes cristãs tradicionais, se têm como anjos.

A título de curiosidade aqui temos três anjos cujos nomes são mencionados na Bíblia:

Gabriel (Daniel 8,16; 9,21; Lucas 1,19; 1,26)

Rafael (Livro Tobias)

Miguel (Daniel 10,13.21; 12,1, Judas 1,9; Apocalipse 12,7)

O detalhe bem curioso desses três é que seus nomes são os mesmos que nós, seres humanos, damos aos nossos filhos, o que torna viável serem eles nada mais que Espíritos humanos desencarnados. O que se comprova nas seguintes passagens, que se referem ao mesmo fato:

Visita das mulheres ao túmulo de Jesus:	
Evangelho	O que elas viram
Mateus 28,2-3	Um anjo do Senhor com vestes brancas
Marcos 16,5	Um moço sentado, vestido de branco
Lucas 24,4	Dois homens com roupas brilhantes
João 20,12	Dois anjos vestidos de branco, sentados

Se os anjos foram confundidos como homens, significa que têm a mesma aparência desses. A conclusão que se deve chegar é que os Espíritos humanos desencarnados eram, de fato, designados de anjos. Nada mais que isso!

Outra passagem bíblica interessante:

Lucas 20,27-36: "Aproximando-se alguns dos saduceus - que negam existir ressurreição - interrogaram-no: "Mestre, Moisés deixou-nos escrito: Se alguém tiver um irmão casado e este morrer sem filhos, tomará a viúva e suscitará descendência para seu irmão. Ora, havia sete irmãos. O primeiro tomou mulher e morreu sem filhos. Também o segundo, e depois o terceiro a tomaram; e assim os sete morreram sem deixar filhos. Por fim, também a mulher morreu. Essa mulher, na ressurreição,

de qual deles vai se tornar mulher? Pois todos os sete a tiveram por mulher".

*Jesus lhes respondeu: "Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas **os que forem julgados dignos de ter parte no outro mundo** e na ressurreição dos mortos, não tomam nem mulher nem marido; como também não podem morrer; **são semelhantes aos anjos** e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição."* (ver tb Mateus 22,23-30; Marcos 12,18-25)

A lei de Moisés, da qual se fala, é conhecida como levirato:

Levirato (ou levirado) é o costume, observado entre alguns povos, que **obriga um homem a casar-se com a viúva de seu irmão quando este não deixa descendência masculina**, sendo que o filho deste casamento é considerado descendente do morto. Este costume é mencionado no Antigo Testamento como uma das leis de Moisés. O vocábulo deriva da palavra "levir", que em latim significa "cunhado". ⁽⁸⁾

Os saduceus queriam saber o que na ressurreição aconteceria a uma mulher que teve sete maridos, com qual deles ela manteria vínculo.

Destaca-se na resposta de Jesus o trecho “são semelhantes aos anjos”. Se os anjos forem Espíritos humanos desencarnados, fecha-se a questão.

Em ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 5***, de autoria de Russell Norman Champlin (1933-2018) e de João Marques Bentes, vamos encontrar a seguinte informação:

[...] Josefo (de Belo Jud. VII.6,3) pensava que os demônios eram os espíritos dos homens maus, que depois da morte voltariam a este mundo, e essa ideia era comum entre os antigos, incluindo os gregos. [...]. (9)

Flávio Josefo (37-103 d.C.) foi um historiador hebreu que viveu bem próximo à época de Jesus, portanto, sem dúvida que o seu relato reflete a cultura do seu povo.

A grande questão é: Se os demônios são “Espíritos dos homens”, porque também os anjos, exatamente o outro lado da moeda, não o seriam?

Atos 12,1-16: “[...] o rei Herodes [...] mandou matar à espada Tiago, irmão de João. E, vendo que isto agradava aos judeus, mandou prender

também Pedro. [...] De repente, sobreveio o Anjo do Senhor e uma luz brilhou no cubículo. Tocando o lado direito de Pedro, o Anjo fê-lo erguer-se. dizendo: 'Levante-se depressa'. E caíram as correntes das mãos.

*Dando-se conta da situação, dirigiu-se à casa de Maria, a mãe de João, [...]. Batendo ele ao postigo do portão, veio uma criada, chamada Rode, para ver quem era. Tendo reconhecido a voz de Pedro, ficou tão alegre que não lhe abriu. Ao invés, correndo para dentro anunciou que **Pedro estava ali**. Então, disseram-lhe: 'Estás louca!' Ela, porém, assegurava que era verdade. '**Então é seu anjo!**', concluíram. Pedro, porém, continuava a bater. Afinal abriram e, vendo-o ficaram estupefatos."*

Essa é passagem que comprova o que estamos dizendo, pois, já que tinham Pedro como morto, o esperado é que dissessem: "Então é o seu espírito!". Simples, não?

Retornando à obra **O Livro dos Espíritos**:

285. Os Espíritos se reconhecem por terem convivido na Terra? O filho reconhece o pai, o amigo reconhece o seu amigo?

"Sim, e assim de geração em geração."

285-a. **Como se reconhecem** no mundo dos Espíritos os homens que se conheceram na Terra?

“Vemos a nossa vida pretérita e lemos nela como num livro. **Vendo o pretérito dos nossos amigos e dos nossos inimigos**, aí vemos a sua passagem da vida para a morte.” (10)

Então, já temos definido que reconheceremos no mundo dos Espíritos aqueles que foram nossos parentes e amigos, até mesmo os de vidas anteriores à última.

Interessante é que muitos de nós quando estamos experimentando os últimos instantes já vemos os parentes e amigos e até conversamos com eles. Os que nos acompanham nesse derradeiro momento, pensam que estamos “delirando” ou tendo “alucinações”.

Continuando em **O Livro dos Espíritos**:

286. *Ao deixar os seus despojos mortais, a alma vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?*

“**Imediatamente nem sempre é o termo próprio**. Como já dissemos, ela precisa de algum tempo para reconhecer-se e desembaraçar-se do véu material.”

287. **Como a alma é acolhida na sua volta ao mundo dos Espíritos?**

“A do justo, como um irmão bem-amado e esperado há muito tempo. A do mau, como um ser a quem se despreza.”

289. **Nossos parentes e amigos vêm, algumas vezes, encontrar-se conosco quando deixamos a Terra?**

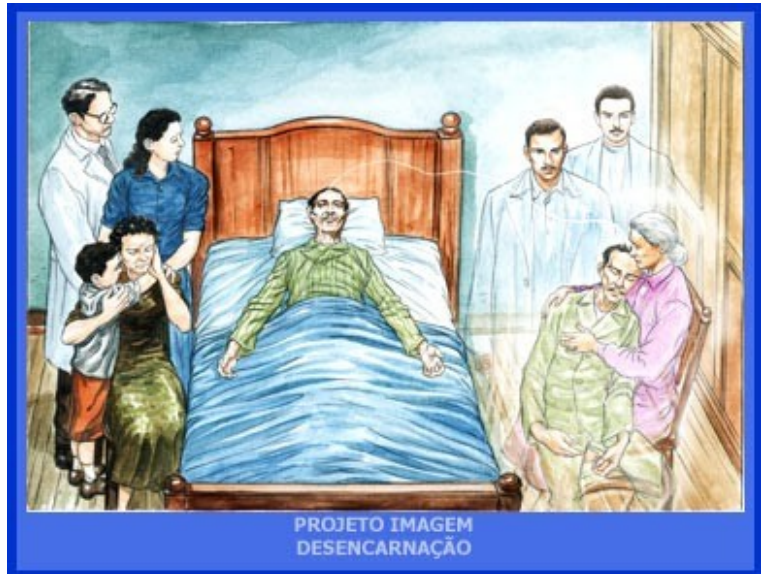
“**Sim**, os Espíritos vão ao encontro da alma a que se afeiçoaram. Felicitam-na, como se regressasse de uma viagem, por haver escapado aos perigos da estrada, e **ajudam-na a desprender-se dos laços corpóreos**. É uma graça concedida aos bons Espíritos quando os seres que os amam vêm ao seu encontro, ao passo que aquele que se acha maculado permanece no isolamento ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição.” ⁽¹¹⁾
(itálico do original)

Não raro, teremos oportunidade de ver alguns Espíritos que participam do nosso processo de desencarne, como veremos na resposta à questão 289, entre eles, obviamente poderá ter parentes e amigos.

Essa possibilidade está intimamente ligada ao fato de que o laço que prende a alma ao corpo vai se afrouxando e isso permite que ela se emancipe do

corpo proporcionando a visão do mundo dos Espíritos.

Eis uma imagem que bem representa essa experiência ⁽¹²⁾:



Vejamos mais esta questão de **O Livro dos Espíritos**:

290. Os parentes e amigos sempre se reúnem depois da morte?

“Depende de sua elevação e do caminho que seguem para progredir. Se um deles está mais

adiantado e caminha mais depressa do que outro, não poderão ficar juntos; é possível que se vejam algumas vezes, mas só estarão reunidos para sempre quando puderem caminhar lado a lado, ou quando se houverem igualado na perfeição. Além disso, a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, uma punição.” (13)

297. **A afeição mútua** que dois seres se consagraram na Terra continua a existir sempre no mundo dos Espíritos?

“Sim, sem dúvida, **se baseada na verdadeira simpatia**. Entretanto, se as causas de ordem física tiveram maior participação do que a simpatia, a afeição cessa com as causas. **As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis que na Terra**, porque não se acham subordinadas ao capricho dos interesses materiais e do amor-próprio.” (14)

Portanto, fica claro que reunir com parentes e amigos depois da morte tem relação direta com a afeição mútua e também com o grau de evolução espiritual em relação do nosso com o deles.

Abraão, às vezes designado de “pai Abraão”, pode bem representar os nossos parentes já desencarnados que, se tivermos elevação moral, já os veremos até mesmo durante o processo do nosso

desenlace e, tão logo se complete o desencarne, iremos encontrá-los.

O que se pode comprovar nas questões de *O Livro dos Espíritos*, já citadas e, especialmente, com esta, que segue, transcrita da obra **O Que é o Espiritismo**:

153. *Encontra a alma no mundo dos Espíritos os parentes que ali a precederam?*

Não só os encontra, como também a outros muitos, seus conhecidos de outras existências.

Geralmente, **aqueles que mais a amam vêm recebê-la à sua chegada no mundo espiritual, e ajudam-na a desprender-se dos laços terrenos.**

Entretanto, a privação de ver as almas mais caras é, algumas vezes, punição para os culpados.

(¹⁵)

Do tópico “Conversas familiares de além-túmulo”, da **Revista Espírita 1859**, mês de março, vamos encontrar o registro do diálogo com o Espírito Senhora Reynaud, falecida em Annonay, há mais ou menos um ano, do qual destacamos estas duas questões:

3. Poderíeis pintar-nos vossa situação atual? – R. É a mesma de todos os Espíritos que habitam nossa Terra: geralmente possuem a intuição do bem, e todavia não podem obter a felicidade perfeita, reservada unicamente à maior perfeição.

10. No momento da morte, estivestes muito tempo na perturbação? – R. Não; eu me reconheci logo: **estava cercada de amigos.** ⁽¹⁶⁾

Temos aí a comprovação da recepção de amigos.

Na **Revista Espírita 1859**, no mês de abril, foi publicado o artigo “Quadro da vida espírita”, em que lemos o seguinte parágrafo:

O instante em que um deles vê cessar sua escravidão, pela **ruptura dos laços que o retêm ao corpo, é um instante solene**; em sua reentrada no mundo dos Espíritos, **é acolhido por seus amigos, que vêm recebê-lo** como no retorno de uma penosa viagem; se a travessia foi feliz, quer dizer, se o tempo de exílio foi empregado de modo proveitoso, por ele, e o eleva na hierarquia do mundo dos Espíritos, felicitam-no; **aí reencontra àqueles que conheceu, mistura-se àqueles que o amam e simpatizam com ele**, e então começa, verdadeiramente, para ele, sua nova existência. ⁽¹⁷⁾

Certamente que, nesse artigo, Allan Kardec registrou tudo que percebeu dos diálogos com os inúmeros Espíritos que se manifestaram na Sociedade Espírita de Paris.

No artigo intitulado “Relações afetuosas dos Espíritos”, publicado na **Revista Espírita 1860**, mês de novembro, Allan Kardec faz comentários à mensagem espontânea dada em outubro pelo Espírito George. Dele ressaltaremos o seguinte trecho:

Se o isolamento fosse uma propriedade inerente à erraticidade, esse estado seria um verdadeiro suplício, tanto mais penoso quanto mais possa se prolongar durante uma longa sequência de séculos. Nós sabemos, por experiência, que **a privação da visão daqueles que se amou é uma punição para certos Espíritos**; mas sabemos também que muitos ficam felizes por se reencontrarem; que **à saída dessa vida, nossos amigos do mundo espírita vêm nos receber e nos ajudam a nos desembaraçarmos das faixas materiais**, e que nada é mais penoso do que não encontrar nenhuma alma benevolente nesse momento solene. Essa consoladora doutrina seria uma quimera! Não, isto não se pode porque ela não é somente o resultado de um ensino, são as próprias almas, felizes ou sofredoras, que vieram

descrever sua situação. Sabemos que os Espíritos se reúnem e concordam entre eles para agirem de comum acordo com mais força em certas ocasiões, tanto para o mal como para o bem; que os Espíritos a quem faltem conhecimentos necessários, para responderem às perguntas que se lhes dirige, podem ser assistidos por Espíritos mais esclarecidos; que estes têm por missão ajudarem, com os seus conselhos, ao adiantamento dos Espíritos atrasados, **que os Espíritos inferiores agem sob o impulso de outros Espíritos dos quais são os instrumentos; que eles recebem ordens, proibições ou permissões**, todas circunstâncias que não poderiam ocorrer se os Espíritos estivessem entregues a si mesmos. O simples bom senso nos diz, pois, que a situação da qual foi falada é relativa e não absoluta. Que ela pode existir para alguns em dadas circunstâncias, mas que não poderia ser geral, porque de outro modo seria o maior obstáculo ao progresso do Espírito, e por isso mesmo não estaria conforme nem com a justiça e nem com a bondade de Deus. Evidentemente, o Espírito de Georges não considerou senão uma fase da erraticidade, onde, por melhor dizer, restringiu a acepção da palavra errante a uma certa categoria de Espíritos em lugar de aplicá-la, como o fazemos, a todos os Espíritos não encarnados indistintamente. ⁽¹⁸⁾

Temos a explicação racional para os casos dos Espíritos que não veem seus parentes e amigos após

o desencarne: uma punição. Particularmente, não gostamos desse termo, pois, na verdade, as vibrações do desencarnante é que irá “posicioná-lo” no mundo dos Espíritos, e aí, por afinidade poderá por certo tempo ficar “afastado” dos parentes e amigos.

Fora essa situação específica, como dito, valerá o “à saída dessa vida, nossos amigos do mundo espírita vêm nos receber e nos ajudam a nos desembaraçarmos das faixas materiais”

b) “Morreu também o rico e foi sepultado”

Considerando que tanto os bons quanto os maus morrem, isso nos leva a concluir que a morte não pode mais ser vista, pela ótica em que, geralmente, a tomam, ou seja, como sendo um castigo de Deus imposto à humanidade por conta do “original” pecado de Adão e Eva; até mesmo porque os animais, que nada têm a ver com essa história, também morrem. A morte, portanto, decorre de Lei Natural, sob a qual todos os seres vivos estão sujeitos, sem exceção alguma.

Diferente do que aconteceu com Lázaro, por

lhe faltar merecimento, o rico não foi recebido pelos anjos (Espíritos) como, também, não se encontrou com nenhum dos parentes que o antecederam à morte. Certamente, que aqui vale esta assertiva de Jesus: *“a cada um segundo suas obras”*. (Mateus 16,27).

c) *“Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio”*

Algo bem interessante encontramos aqui. Trata-se de perceber que, à época de Jesus, se acreditava em “mansão dos mortos” e não em “céu e inferno”, como, às vezes, alguns teólogos presos aos dogmas instituídos por sua Igreja nos querem fazer crer.

E, conforme naquele tempo supunham, para a mansão dos mortos iam, indistintamente, todos os Espíritos desencarnados, fossem eles bons ou maus.

É oportuno observar que no texto bíblico está se afirmando que o rico viu, ao longe, Abraão e Lázaro, fato que comprova estarem todos no mesmo local, ou melhor, numa mesma região espiritual.

Isto também pode ser comprovado com o aflitivo pedido do rico a Abraão: “*manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua*”.

Em **O Problema com Deus**, o autor Bart D. Ehrman, teólogo, ex-evangélico, dá-nos notícia dessa crença:

Os cristãos depois desenvolveram detalhadamente a doutrina do céu e do inferno como os locais para onde as almas individuais vão quando morrem. Esse ensinamento não é muito encontrado na Bíblia. **A maioria dos autores da Bíblia hebraica, quando acredita em vida após a morte, pensava que a vida após a morte era uma existência no Xeol para todos os seres humanos, fossem eles iníquos ou justos. [...].**
(¹⁹)

É oportuno esclarecer que Xeol: “é o nome hebraico dado no AT para os ‘infernos’, ‘abismo’ ou ‘morada dos mortos’. Julgava-se que o Xeol ficava debaixo da terra.” (²⁰)

Para nós, os espíritas, ambos personagens - o rico e Lázaro - estariam, certamente, no Umbral, região espiritual que circunda a Terra, como se fosse

um campo de força, no qual se acham retidos todos os Espíritos, que ainda estão vinculados ao grau de progresso em que ela se encontra, condição que não lhes permite irem para um mundo mais evoluído.

Assim, permanecem vinculados a ela, onde, em reencarnações futuras, passarão por novas experiências, até conquistarem o grau máximo de evolução que se pode alcançar aqui na Terra e somente a partir daí terem como habitar um mundo mais elevado.

Para explicar como é possível os bons e os maus conviverem, ao mesmo tempo, no Umbral, trazemos a seguinte questão de **O Livro dos Espíritos**:

278. Os Espíritos das diferentes ordens estão misturados uns com os outros?

“Sim e não; quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Eles se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como acontece entre vós. *É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo.* Os da mesma categoria **se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia** e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem

o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.” (21)

Assim é que os parentes e amigos se reúnem por afinidade e se unem pelos laços da simpatia.

d) “Então exclamou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama'.”

É certo que os Espíritos que, no plano espiritual, estão numa melhor situação evolutiva, podem ajudar os retardatários, quer estes estejam desencarnados ou encarnados. Entretanto, essa ajuda só acontecerá caso haja a participação efetiva do coração daquele que a solicita. Além disso, o arrependimento sincero é, em muitas situações, necessário para que se possa receber essa ajuda.

Vejamos estas questões de **O Livro dos Espíritos**:

280. Qual a natureza das relações entre os Espíritos bons e os maus?

“Os bons se empenham em combater as más inclinações dos outros, **a fim de ajudá-los a subir**. É uma missão.” (22)

488. **Os parentes e amigos que nos precederam na outra vida têm mais simpatia por nós do que os Espíritos que nos são estranhos?**

“Sem dúvida, e **quase sempre vos protegem como Espíritos**, segundo o poder de que dispõem.” (23)

As relações de afinidade continuam após a morte e o interesse em nos ajudar permanece nos parentes e amigos que, quando mais evoluídos que nós, tomam como uma missão nos ajudarem a “subir” na escala evolutiva.

569. *Em que consistem as missões de que podem ser encarregados os Espíritos errantes?*

“São tão variadas que seria impossível descrevê-las. Ademais, existem algumas que nem mesmo podeis compreender. Os Espíritos executam as vontades de Deus, e não podeis penetrar todos os seus mistérios.”

Comentário de Allan Kardec:

As missões dos **Espíritos** têm sempre por objetivo o bem. Seja como Espíritos, seja como homens, **são incumbidos de auxiliar o**

progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais, de preparar os caminhos para certos acontecimentos e velar pela execução de determinadas coisas. **Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se fizeram guias e protetores e dirigi-los**, pelos conselhos que lhes dão ou pelos bons pensamentos que inspiram. Pode-se dizer que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, quer no mundo físico, quer no mundo moral. O Espírito se adianta segundo a maneira pela qual desempenha a sua tarefa. ⁽²⁴⁾

Além desses Espíritos, há, ainda, um que foi especialmente designado para velar por cada um de nós. É importante termos consciência de que todos nós temos um Espírito protetor, conhecido popularmente como anjo da guarda.

489. Há Espíritos que se ligam particularmente a um indivíduo para protegê-lo?

“Sim, o irmão espiritual. É o que chamais o Espírito bom ou o gênio bom.”

490. Que se deve entender por anjo da guarda?

“O Espírito protetor, pertencente a uma ordem

elevada.”

491. *Qual a missão do Espírito protetor?*

“A de um pai em relação aos filhos: conduzir seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas aflições e encorajá-lo nas provas da vida.”

492. O Espírito protetor liga-se ao indivíduo desde o seu nascimento?

“Desde o nascimento até a morte. Muitas vezes ele o segue após a morte, na vida espiritual, e mesmo por intermédio de muitas existências corpóreas, já que tais existências não passam de fases bem curtas da vida do Espírito.”

493. *A missão do Espírito protetor é voluntária ou obrigatória?*

“O Espírito é obrigado a velar por vós, já que aceitou essa tarefa, mas pode escolher os seres que lhe são simpáticos. Para alguns, é um prazer; para outros, uma missão ou um dever.”

508. *Os Espíritos que se achem em boas condições ao deixarem a Terra sempre podem proteger os que lhes são caros e que lhes sobrevivem?*

“Seu poder é mais ou menos restrito. A situação em que se encontram nem sempre lhes permite inteira liberdade de ação.” (25)

É bem interessante o fato de o rico reclamar

“*estou torturado nesta chama*”, porquanto, na condição de espírito, sem o corpo físico, o calor não lhe afetará em nada, conforme podemos extrair desta fala de Allan Kardec do item 257 de *O Livro dos Espíritos*: “[...] De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma; a alma não pode congelar-se, nem se queimar. [...]”
(²⁶)

Por outro lado, caso passe a sentir remorso pelos erros cometidos, aí sim, sentir-se-á como que sendo consumido por uma chama. É algo que até mesmo nós, os encarnados, podemos sentir, quando tomamos consciência de algum ato infeliz, praticado mais por pura ignorância das leis divinas, que a tudo rege no Universo, do que por maldade.

Convém lembrar que o fogo, no simbolismo bíblico, sempre foi considerado um elemento purificador, como bem podemos ver pela seguinte passagem:

Ezequiel 24,9-13: *“Por isso, assim diz o Senhor Iahweh: Ai da cidade sanguinária! Também eu farei uma grande pilha. Amontoa lenha bastante, acende o fogo. [...] **Coloque a***

panela vazia sobre as brasas, para que fique quente e seu cobre chegue a arder, de modo que se derretam suas impurezas e sua ferrugem se consuma. Mas a sua ferrugem não sairá com o fogo. As suas impurezas são uma infâmia. Com efeito, procurei purificar-te, mas tu não ficaste pura das tuas impurezas. [...].” (Bíblia de Jerusalém)

Acreditamos ter ficado bem clara a questão de o fogo ser elemento de purificação.

e) “E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós”

Pode-se interpretar esse “grande abismo” de duas maneiras: a primeira seria em relação a evolução espiritual de cada um; já a segunda, consequência da anterior, diz respeito a vibração que cada espírito emite. Só através da reencarnação é que um espírito pode atingir a evolução espiritual de um outro, momento, no qual ambos passarão a estar no mesmo nível.

Quanto a questão vibracional, sabe-se que os

bons podem ir a qualquer lugar, enquanto aos maus lhes serão restritos certos lugares. Vejamos a seguinte questão de **O Livro dos Espíritos**:

279. *Todos os Espíritos têm livre acesso a qualquer região?*

“Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. Mas **as regiões habitadas pelos bons são interditas aos Espíritos imperfeitos**, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores.”
(²⁷)

f) **“Ele replicou: 'Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até a casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento'.”**

Nesse trecho encontramos duas coisas; uma delas diz respeito à crença de que os mortos podem se comunicar com os vivos, razão do pedido do rico; a outra nos remete ao fato de que os “mortos” não deixam de se preocuparem com os vivos. Isso pode ser confirmado com a seguinte questão de **O Que é o Espiritismo**:

151. *Conserva a alma as afeições que tinha na vida terrena?*

“Guarda todas as afeições morais e só esquece as materiais, que já não são de sua essência; por isso vem satisfeita ver os parentes e amigos e sente-se feliz com a lembrança deles. [...]” (28)

Caso se rompessem os laços de amor que criamos com os parentes e amigos, não há sentido algum em ter vida após a morte.

E os laços de família são tão fortes que o rico, ainda que insensível às necessidades materiais do pobre, preocupou-se com seus cinco irmãos, pois não queria que eles fossem para o lugar onde se encontrava. O amor é algo que existe no íntimo de todos nós, ainda que, por egoísmo, só o dediquemos aos mais próximos de nosso coração.

g) “Abraão, porém, respondeu: 'Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam'. Disse ele: 'Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão'. Mas Abraão lhe disse: 'Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se

convencerão'."

Interessante é que Abraão não disse que não havia possibilidade de Lázaro avisar aos irmãos do rico, o que comprovaria, bíblicamente, não existir a comunicação entre os vivos e os mortos. Em sua resposta, ele, na verdade, apenas afirma da inutilidade de tal coisa, pois se os irmãos do rico não ouviam os vivos - Moisés e os profetas - muito menos dariam ouvidos aos mortos. Fato incontestável é que isso, inclusive, acontece até nos dias de hoje, ao se ver que uma grande maioria de crentes não dá crédito ao que os espíritos dizem, provando, portanto, que Abraão estava coberto de razão.

Falamos sobre certas pessoas perto da morte conversando com parentes já desencarnados. Geralmente, são tomados com "esclerosadas", mas é uma realidade. Leiamos do resumo dos pontos mais importantes da doutrina que consta na Introdução de ***O Livro dos Espíritos***, o seguinte item do tópico VI:

— **na sua volta ao mundo dos Espíritos, a**

alma encontra todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se refletem na sua memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez; ⁽²⁹⁾

De **O Livro dos Espíritos** vejamos também a seguinte questão:

160. *O Espírito encontra imediatamente aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes dele?*

“Sim, conforme a afeição que tinha por eles e o afeto que eles lhe consagravam. **Quase sempre eles o vêm receber na sua volta ao mundo dos Espíritos e o ajudam a libertar-se das faixas da matéria.** Encontra-se também com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante sua vida na Terra. Vê os que estão na erraticidade e vai visitar os que se encontram encarnados.” ⁽³⁰⁾

Como vimos essa regra de “encontrar imediatamente aqueles que conheceu na Terra” tem exceção, trata-se dos Espíritos que por punição não verão seus familiares e muito menos seus amigos.

Então, o que essas pessoas vêm são os Espíritos que os vem receber e aqueles que lhe

prestarão ajuda para se “libertarem das faixas da matéria”.

Na **Revista Espírita 1864**, mês de dezembro, temos publicado o artigo “Comunhão de pensamentos” que se refere ao dia dos mortos. No começo da sessão comemorativa na Sociedade de Paris foi feita uma prece inicial, que não conseguimos identificar, qual dos seus membros a fez, mas queremos destacar o seguinte trecho:

Sabemos que a morte do corpo não interrompe a vida do espírito, mas que lhe abre a verdadeira vida; que ela não quebra nenhuma afeição sincera; que aqueles que nos são caros não estão perdidos para nós, e que os reencontraremos no mundo dos Espíritos. Sabemos que, à espera disso, estão junto a nós; que nos veem e nos ouvem, e que podem continuar suas relações conosco. ⁽³¹⁾

Então, era ponto pacífico o entendimento que os Espíritos de parentes e amigos que nos precederam na morada do além-túmulo, nos receberão com grande júbilo, tal e qual alguém que retorna de uma longa viagem.

Eis alguns casos registrados nas obras da Codificação que podem servir de exemplos:

1º) **Revista Espírita 1859**, setembro, tópico “Conversas familiares de além-túmulo”, mensagem “Morte de um espírita”:

10 – Deixando o corpo, **viste e reconhecestes imediatamente** alguns Espíritos junto a vós? R – **Sim, e Espíritos queridos.** ⁽³²⁾

2º) **Revista Espírita 1859**, mês de outubro, no tópico “Conversas familiares de além-túmulo”, destacamos esta questão do diálogo com o Espírito pai Crépin, nome que era conhecido quando vivo:

17. Na vossa entrada no mundo dos Espíritos, houve quem viesse vos receber? – R. Sim, **minha mãe.** ⁽³³⁾

3º) **Revista Espírita 1861**, março, tópico “Conversas familiares de além-túmulo”, diálogo com Henri Murger:

4. Este ditado pode ser considerado como um

relato de vossas primeiras impressões no mundo onde estais agora; gostaríeis de nos descrever, com mais precisão, o que se passou em vós desde o instante em que a vossa alma deixou o vosso corpo? – R. A alegria me inundou; **revi rostos queridos que eu acreditava perdidos para sempre**. Apenas desmaterializados, ainda não tive senão sensações quase terrestres. ⁽³⁴⁾

4º) **Revista Espírita 1861**, maio, tópico “Ensinamentos e dissertações espíritas”, item “Festas dos bons Espíritos”, assinado por Felícia:

A chegada de um Irmão entre eles.

(Envio da Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux.)

Também temos as nossas festas, e isso nos ocorre frequentemente, porque **os bons Espíritos** da Terra, nossos irmãos bem-amados, em se despojando de seu envoltório material, **nos estendem os braços**, e nós vamos, em grupo inumerável, **recebê-los à entrada da morada onde vão doravante habitar conosco**; e nessas festas não se agitam, como nas vossas, as paixões humanas que, sob os rostos graciosos, e as fronteiras coroadas de flores, escondem a inveja, o orgulho, o ciúme, a vaidade, o desejo de agradar e de preponderar sobre os seus rivais nesses prazeres factícios que não o são mais. [...]. ⁽³⁵⁾

5º) **Revista Espírita 1861**, mês de junho, no tópico “Conversas familiares de além-túmulo”, temos a manifestação do Senhor Marquês de Saint-Paul:

6. Quais foram aqueles de vossos parentes que reconhecestes primeiramente? – R. **Reconheci minha mãe e meu pai**, que ambos me receberam ao despertar; iniciaram-me na vida nova. ⁽³⁶⁾

6º) No cap. II – Espíritos felizes de **O Céu e o Inferno**, temos registrado o segundo diálogo com o Espírito Sanson na data de 25 de abril de 1862, do qual destacamos a seguinte questão:

8. Podeis dizer-nos o que vos impressionou, o que vistes no momento em que os vossos olhos se abriram à luz? Podeis descrever-nos, se for possível, o aspecto das coisas com que vos deparastes? – R. Quando pude voltar a mim e ver o que tinha diante dos olhos, fiquei como que ofuscado, sem poder compreender, porque a lucidez não volta repentinamente. Deus, porém, que me deu uma prova exuberante da sua bondade, permitiu que eu recuperasse as faculdades. **Vi-me então cercado de numerosos e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos assistem rodeavam-me sorrindo**; uma felicidade sem par irradiava-lhes do semblante e também eu, forte e animado, podia sem esforço

percorrer os espaços. [...]. (37)

O que eu vi não tem nome na linguagem humana. Voltarei depois para falar-vos mais amplamente das minhas venturas, sem, contudo, ultrapassar o limite traçado por Deus. Sabei que a felicidade, tal como a entendeis, é uma ficção. Vivei sabiamente, santamente, no espírito de caridade e de amor, e tereis feito jus a impressões que o maior dos poetas seria incapaz de descrever.

7º) **Revista Espírita 1867**, o artigo “Lincoln e seu assassino”, que foi extraído do *Banner of Light*, de Boston, trata da análise da comunicação de Abraham Lincoln, obtida por um médium de Ravenswood. Leiamos o primeiro parágrafo:

“Quando Lincoln saiu de seu atordoamento, e despertou no mundo dos Espíritos, ele ficou surpreso e perturbado, porque não tinha a menor ideia de que fora morto. O tiro que o atingiu tinha suspenso instantaneamente toda sensação, e ele não compreendeu o que lhe havia ocorrido. **Ele era bastante espiritualizado para compreender o que é a morte**, e não ficou, como muitos outros, admirado da nova existência na qual se achava transportado. **Ele se viu rodeado por muitas**

peessoas que sabia mortas há muito tempo, e entendeu logo a causa de sua morte. Foi recebido cordialmente por muitas pessoas para as quais tivera simpatia. Compreendeu a sua afeição por ele, e de um golpe de vista, pôde abarcar o mundo feliz no qual tinha entrado.” (38)

Então, temos que vários Espíritos que se manifestaram quando da Codificação Espírita revelaram terem sido recebidos por familiares e amigos ao regressarem ao mundo espiritual.

Na obra **A Crise da Morte**, 1ª edição publicada em 1930, o pesquisador italiano Ernesto Bozzano (1862-1943) lista vários casos, dos quais tomamos estes para exemplo:

1º caso: “[...] Não há palavras para descrever a felicidade que senti ao me dar conta de que **vinha ao meu encontro ora uma, ora outra das pessoas que eu mais amara na Terra**: todas acorriam **para me dar as boas-vindas** nas Esferas dos imortais. [...]” (39)

5º caso: “**No caso de haver entre os espíritos recém-chegados alguns vinculados por grandes afetos com outros espíritos já há tempo desencarnados, estes acorrem ao seu encontro** antes que passem pela fase do sono

restaurador. Não pode haver felicidade maior do que esses encontros no mundo espiritual, após longas separações que pareciam definitivas. [...]”⁽⁴⁰⁾

6º caso: “[...] quando vim parar no mundo espiritual, fiquei profundamente surpreso na presença da verdade. **Vi-me acolhido, confortado e ajudado por pessoas que eu bem conhecia na Terra**, as quais haviam me precedido na grande viagem. Mas o que para mim constituiu **a suprema alegria do momento foi o encontro com a minha querida companheira de toda a vida**, a qual recomeçou a me prodigalizar, em ambiente espiritual, as devotas atenções e as ternuras afetivas que tão amorosamente me dispensava em plano terrestre. [...]”⁽⁴¹⁾

9º caso: “Sabia que estava morto... [...] Logo depois **vi um espírito vir ao meu encontro... Era o papai**; mas eu não o reconheci. Quando, apesar disso, chamou-me pelo nome 'Will', **então o reconheci e me atirei chorando em seus braços**. Eu estava extraordinariamente comovido, e não sabia o que dizer a ele. [...]”⁽⁴²⁾

13º caso: “Logo depois fui tomado pela surpresa número *dois*: a mais maravilhosa e confortadora de todas, e que ocorreu logo que se fez ouvir ao meu lado **uma voz suave de mulher, voz que eu conhecia muito bem, a qual me chamou pelo nome: 'Dicky!' Era a minha mãe!** Ela estava morta há muitos anos, e acorria agora para me dar as boas-vindas em ambiente espiritual, chamando-

me pelo antigo apelido carinhoso usado em casa, reminiscência da minha juventude. Eu, velho bem avançado na idade, avô há longo tempo, **via-me recebido e festejado na nova morada pela minha mãe**, a quem eu tanto amara há tempos, mas que vergonhoso de se dizer! tinha quase esquecido por causa dos muitos anos passados. Logo depois, **uma outra voz suave de mulher**, voz da mesma forma familiar e amada, chamou-me pelo nome de 'Richard'. **Era a minha esposa**, que há apenas alguns anos havia me precedido na existência espiritual... ⁽⁴³⁾

14º caso: “[...] gradativamente, tornei-me consciente do ambiente que me rodeava, assim como acontece ao se despertar do sono, e vi a mim mesmo deitado, quieto e imóvel na cama, o que me deixou atônito, pois nem de longe eu imaginava que estava morto. Depois de algum tempo, à medida que ficava mais e mais desperto, me dei conta que **ao meu lado encontrava-se a minha falecida mulher**, que sorria para mim com expressão de radiante felicidade. Aquele nosso encontro ocorria depois de uma longa separação, e foi ela quem me participou da surpreendente nova da minha morte e do fato de que eu estava com ela em meio espiritual. Disse-me que há muitos dias estava vigilante à minha cabeceira, à espera do momento de acolher o meu espírito e conduzi-lo até a morada celeste.

“[...] Vi-me estendido, calmo e imóvel, no meu leito, circunstância que me encheu de espanto, longe que estava de supor que morrera. Após algum tempo, cada vez mais desperto, percebi que

minha defunta mulher se achava ao meu lado, a me sorrir, com uma expressão radiante de ventura. Esse nosso encontro se dava depois de longa separação. Foi ela quem me comunicou a terrificante notícia de que eu estava morto e me encontrava também no meio espiritual. Disse-me que, desde muitos dias, velava à cabeceira do meu leito, aguardando o momento de acolher o meu Espírito e de o conduzir à morada celeste.

[...].

“Logo que cheguei ao mundo espiritual, senti de imediato a sensação de estar em minha casa. **Tinham vindo me receber parentes, amigos e conhecidos**, e todos faziam questão de me cumprimentar por eu ter chegado afinal. [...]” (44)

15º caso: “De resto, eu não tinha na Terra vínculos afetivos, ou de qualquer outra natureza, fortes o suficiente para me induzirem a retornar, enquanto estava ansioso para aprender as primeiras noções a respeito da vida espiritual, uma vez que a isso me impelia o fato de **eu haver encontrado numerosos amigos** que tinham se oferecido para me dar as instruções necessárias. (45)

17º caso: “Então **vieram ao meu encontro várias pessoas, as mais queridas para mim, e entre elas estava a mais amada de todas: a minha mãe!** Mas como estava mudada! Revia a como quando era na juventude... Gostaria que você se persuadisse de que a vida terrena é a parte mais desolada da nossa existência. Na realidade, não é vida...” (46)

18º caso: “[...] Entretanto, resta o fato de que enquanto nos encontramos no segundo estado da primeira Esfera, atravessa-se um período de inconsciência, seguido por um outro período de semiconsciência, que não é a existência espiritual, e no qual se ignora a existência espiritual. **Enquanto eu permaneci em tal estado, não cheguei a entrar em contato com a minha mãe.** Sentia como se estivesse vagando nas trevas à procura dela, mas sem jamais ter a certeza de estar a seu lado. A minha passagem para o terceiro estado da mesma Esfera trouxe uma mudança súbita maravilhosa. Senti-me plenamente desperto, repleto de vitalidade, consciente de me encontrar no mundo espiritual. **E então pareceu-me bastante natural ver o meu pai vindo ao meu encontro**, e ele logo me informou do ocorrido. Lembro-me da viva impressão que senti ao reencontrá-lo com o aspecto tão transformado. [...]”⁽⁴⁷⁾

19º caso: a) Em sua primeira manifestação, Lady Barret, interessada em obter provas de identificação pessoal [marido falecido da Mrs. Osbone Leonard], perguntou:

P. – Pode me dizer alguma coisa a respeito das condições do momento em que desencarnou?

R. – As condições da minha morte ocorreram sem nenhum tipo de sofrimento. De repente, **vi-me envolvido por pessoas muito queridas e mortas há muito tempo, entre as quais estavam a minha mãe, o meu pai e numerosos outros seres amados.**⁴⁸

b) Na sessão de março de 1926, manifestou-se com Barret também uma Mrs. Ada Vachel, grande amiga da relatora, a qual se encontrava em uma Esfera menos elevada do que a que acolhia Barret. Ela descreveu nos seguintes termos a própria entrada no mundo espiritual:

[...].

Barret retoma a essa altura a comunicação, observando: “No que me diz respeito, as coisas correram de uma forma bem diferente. **Encontrei-me rodeado por todas as pessoas queridas que eu tinha conhecido em vida**, exatamente como eu estava preparado para esperar, enquanto o ambiente que me acolheu era muito mais maravilhoso do que o terreno, muito além de tudo o que eu poderia imaginar. [...].”⁽⁴⁹⁾

21º caso: “[...] Quando acordei, **me vi rodeada por uma fileira compacta de todos os espíritos dos desencarnados que eu havia amado em Terra**. Via ao meu redor os rostos de todas as **pessoas de que eu gostei, e que havia conhecido em diferentes épocas da minha vida**, começando da mais tenra infância; pessoas que em sua grande maioria tinham sido retiradas do meu afeto há longos anos. [...].”⁽⁵⁰⁾

Portanto, a pesquisa de Ernesto Bozzano confirma, nesses doze casos listados, o que encontramos nas obras publicadas por Allan Kardec, quanto à recepção dos recém-desencarnados por

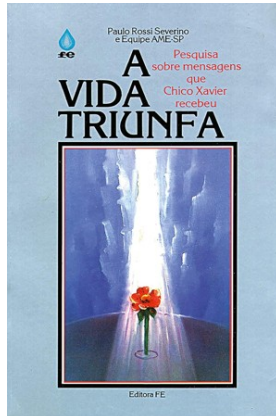
parentes e amigos.

No teor de “cartas consoladoras” se tem a confirmação desse fato

As mensagens póstumas dirigidas a parentes inconformados com a perda de algum familiar, seja por que motivo for, são o que se designa de “cartas consoladoras”. Acreditamos que seja uma “especialidade” mediúnica própria de determinados médiuns, como, por exemplo, era a do Chico Xavier (1910-2002).

O livro **A Vida Triunfa: Pesquisa Sobre Mensagens que Chico Xavier Recebeu** (1990) de autoria de Paulo Rossi Severino (1933-2017) e equipe da AME-SP, contém análise de **45 cartas mensagens recebidas** pelo médium

mineiro. Da parte II, destacamos o cap. II – Reflexões sobre os dados de pesquisa, do qual transcrevemos os seguintes tópicos:



a) [Introdução]

O maior volume de entrevistas verificou-se no Estado de São Paulo pela facilidade de acesso ao campo de trabalho, uma vez que o pesquisador reside na capital daquele estado. A amostragem dos outros estados, oito casos ao todo, reforça a autenticidade e a amplitude das respostas mediúnicas.

Houve 100% de acerto nos dados contidos nas mensagens dirigidas a famílias que habitam regiões distantes deste país continental. Esse dado reforça a dificuldade de explicar as cartas por fraude, percepção extra-sensorial ou mesmo por criptominésia, conforme análise feita pelo pesquisador de campo na primeira parte desta obra. ⁽⁵¹⁾

Aqui o mais importante é que temos confirmação da autenticidade das mensagens.

b) **Recepção de parentes e amigos desencarnados**

Em 100% dos casos, registra-se a presença de parentes e amigos desencarnados no limiar do outro mundo. Formam uma espécie de comissão de recepção e constituem importantes elos de ligação entre os dois planos, quer aliviando

o impacto das separações dolorosas, através do amparo afetivo, quer auxiliando no tratamento espiritual de que ainda têm necessidade (44,4%) nas instituições de restauração existentes em outras dimensões da vida. A citação dos nomes desses parentes e amigos confere grande autenticidade às cartas-mensagens. Em 68,9% destas, são referidos de um a três parentes e/ou amigos desencarnados, em 13,3% de quatro a seis e em 11,1% mais de seis. **Em cálculo aproximado, as 45 mensagens contêm mais de uma centena de nomes citados.** Esse dado ganha maior força quando se compara com o item 30 da pesquisa, neste, 93,3% dos informantes declaram que não conheciam o médium antes do óbito do comunicante. ⁽⁵²⁾

Nesse item, temos a confirmação da presença de parentes e amigos, às vezes formando uma espécie de comissão de recepção, indo prestar auxílio e dar boas-vindas ao desencarnado que retorna à pátria espiritual.

Diante dessa pesquisa, em relação à recepção de parentes e amigos desencarnados, só nos cabe dobrar ao teor deste trecho de uma das falas de Allan Kardec: “[...] devemos nos render à evidência dos fatos. [...]” ⁽⁵³⁾

Todos serão acolhidos por parentes e/ou amigos?

É preciso que façamos breves considerações sobre o lado oculto da moeda, pois, por variados motivos, nem todos os recém-desencarnados serão recebidos por parentes e/ou amigos, inclusive, alguns poderão mesmo ser recebidos pelos seus mais ferrenhos inimigos.

Sem tecer nenhum comentário, vimos nestes trechos das respostas à questão 289 e 290 de **O Livro dos Espíritos** e a questão 153 de **O Que é o Espiritismo**, respectivamente, que

É uma graça concedida aos Espíritos bons quando os seres que os amam vêm ao seu encontro, ao passo que aquele que se acha maculado permanece no isolamento ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição. ⁽⁵⁴⁾

Além disso, a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, uma punição. ⁽⁵⁵⁾

Entretanto, **a privação de ver as almas mais caras é, algumas vezes, punição para os culpados.** ⁽⁵⁶⁾

Portanto, o ser acolhido tem relação direta com o mérito de cada um, ficando claro que os infratores da lei de amor temporariamente estarão privados dessa alegria sendo isso levado à conta de “punição”.

Os termos “punição” e “castigo” são empregados nas obras da Codificação tão somente para que possamos bem compreender a “lei de causa e efeito” pela qual “cada um é punido naquilo em que pecou.” ⁽⁵⁷⁾ ou, melhor dizendo, “o culpado é punido pela própria falta, sendo essa punição, em vez de uma vingança de Deus, o meio empregado para fazê-lo progredir” ⁽⁵⁸⁾.

Em **Obras Póstumas**, cap. As cinco alternativas da humanidade, encontramos a seguinte explicação de Allan Kardec:

O estado ditoso ou inditoso dos Espíritos é inerente ao adiantamento moral deles; **a punição que sofrem é consequência do seu**

endurecimento no mal, de sorte que, com o perseverarem no mal, eles se punem a si mesmos; mas, a porta do arrependimento nunca se lhes fecha e **eles podem, desde que o queiram, volver ao caminho do bem e efetuar, com o tempo, todos os progressos.** ⁽⁵⁹⁾

Se de um lado os laços afetivos nos ligam uns aos outros os sentimentos de ódio, por sua vez, nos “acorrentam” aos nossos desafetos.

Destacamos estas duas questões de **O Livro dos Espíritos**:

294. *A lembrança das más ações que dois homens praticaram um contra o outro é um obstáculo à simpatia que deve reinar entre eles?*

“Sim; **essa lembrança os leva a se afastarem um do outro.**”

295. *Que sentimento experimentam, após a morte, aqueles a quem fizemos mal neste mundo?*

“Se são bons, eles vos perdoam, conforme o vosso arrependimento. **Se são maus, é possível que guardem ressentimento e vos persigam, algumas vezes, até mesmo em outra existência.** Deus pode permiti-lo como castigo. ⁽⁶⁰⁾

Destaque para “é possível que vos persigam até mesmo em outra existência”, o que nos faz lembrar esse ensinamento de Jesus, pelo teor da **Bíblia de Jerusalém**:

*“Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; aquele que matar terá de responder no tribunal. Eu, porém, vos digo: **todo aquele que se encolerizar contra seu irmão, terá de responder no tribunal; [...] Assume logo uma atitude conciliadora com o teu adversário, enquanto estás com ele no caminho, para não acontecer que o adversário te entregue ao juiz e o juiz ao oficial de justiça e, assim, **sejas lançado na prisão**. Em verdade te digo: dali não sairás, enquanto não pagares o último centavo.”** (Mateus 5,22-26)*

Essa prisão a que se refere Jesus é justamente o que nos “acorrentará” ao adversário, até que nos reconciliemos com ele.

Do cap. IX – Lugares assombrados, da 2ª parte de **O Livro dos Médiuns**, encontramos algo interessante no item 132:]

9-a. *Quais as circunstâncias que podem levá-los a buscar tais lugares?*

“A simpatia por algumas das pessoas que os

frequentam ou o desejo de se comunicarem com elas. Entretanto, nem sempre são louváveis as intenções que os animam. Quando **são Espíritos maus, podem querer vingar-se das pessoas** de quem guardam queixas. **A permanência em determinado lugar também pode ser, para alguns Espíritos, uma punição que lhes é infligida, sobretudo se ali cometeram um crime,** a fim de que o tenham constantemente diante dos olhos. (61)

Certamente que se esses Espíritos vingativos não têm merecimento para serem acolhidos logo após o seu desencarne.

Embora o contexto seja quanto à comunicação, acreditamos valer também para o tema que estamos tratando, isto que se pode ler no cap. XXV - Evocações, item 282 da 2ª parte de **O Livro dos Médiuns**:

3. Quais são as causas que podem impedir que um Espírito atenda ao nosso chamado?

“Em primeiro lugar, a sua própria vontade; depois, o seu estado corpóreo, caso se ache encarnado, as missões de que esteja encarregado ou, ainda, a permissão para isso, que lhe pode ser negada. **Há Espíritos que nunca podem comunicar-se:** são os que, por sua natureza,

ainda **pertencem a mundos inferiores à Terra**, bem como os que **se encontram nas esferas de punição**, a menos que lhes seja dada especial permissão, com um fim de utilidade geral. [...]” (62)

Observar, caro leitor, que a questão do merecimento será parâmetro para várias situações.

Há um tópico muito delicado, mas não podemos nos furtar de falar algo sobre ele. É comum entre os que “perderam” um ente querido, por imensa dor e não se conformarem com a separação, pensarem em suicidar-se.

Na obra ***O Céu e o Inferno***, temos o cap. V – Suicidas, do qual destacamos o caso “Mãe e filho”.

Em março de 1865, o Sr. C..., negociante em pequena cidade dos arredores de Paris, tinha em sua casa, gravemente enfermo, o mais velho de seus filhos, que contava 21 anos. **Prevendo a morte, o rapaz chamou sua mãe** e teve forças ainda para abraçá-la. Esta, vertendo copiosas lágrimas, disse: **“Vai, meu filho, antes de mim, que não tardarei a seguir-te.”** Dito isto, retirou-se escondendo o rosto entre as mãos. As pessoas presentes a essa cena desoladora consideravam simples explosão de dor as palavras da Sra. C..., que o tempo se encarregaria de acalmar. **Morto o**

doente, procuraram-na por toda a casa e foram encontrá-la enforcada no celeiro. O enterro da mãe foi realizado com o do filho.

EVOCÇÃO DO FILHO VÁRIOS DIAS DEPOIS DA MORTE – P. Sabeis do suicídio de vossa mãe, em consequência do desespero que lhe causou a vossa perda? – R. Sim, e não fosse o pesar causado por essa fatal resolução da parte dela e me julgaria completamente feliz. Pobre, excelente mãe! **Não pôde suportar a prova dessa separação momentânea, e tomou, para se unir ao filho, o caminho que dele mais deveria afastá-la.** E por quanto tempo! Assim, **retardou indefinidamente uma reunião que tão pronta teria sido se sua alma se conformasse submissa às vontades do Senhor,** se fosse resignada, humilde, arrependida diante da provação que devia sofrer e que haveria de depurá-la! Orai! Oh! orai por ela!... e sobretudo não a imiteis, mães que vos comoveis com a narrativa da sua morte. [...].

Benjamin C...

EVOCÇÃO DA MÃE – Quero ver meu filho! Tendes o poder de mo devolver? Cruéis!... Eles mo tomaram para o levarem à luz, e **a mim me deixaram em trevas.** Quero-o... quero-o porque me pertence!... De nada vale então o amor materno? Pois quê! Tê-lo carregado no ventre por nove meses; tê-lo amamentado; nutrido a carne da sua carne, sangue do seu sangue; guiado os seus primeiros passos; ensinado a balbuciar o sagrado nome de Deus e o doce nome de mãe; ter feito dele um homem cheio de atividade, de inteligência,

de honestidade, de amor filial, **para perdê-lo quando realizava as esperanças concebidas a seu respeito**, quando brilhante futuro o aguardava! **Não, Deus não é justo; não é o Deus das mães, pois não lhes compreende a dor e o desespero...** E quando me dava a morte para não me separar de meu filho, eis que novamente mo roubam!... **Meu filho! meu filho, onde estás?**

EVOCADOR – Pobre mãe, compartilhamos da vossa dor. Buscastes, no entanto, um triste recurso para vos reunirdes ao vosso filho. O suicídio é um crime aos olhos de Deus, e devíeis saber que Ele pune toda infração das suas leis. **Não poder ver o vosso filho é a vossa punição.**

MÃE – Não; **eu julgava Deus melhor que os homens; não acreditava no seu inferno, mas na reunião eterna das almas que se amaram como nós nos amávamos...** Enganei-me... Deus não é justo nem bom, pois que não compreendeu a grandeza da minha dor, nem do meu amor!... Oh! quem devolverá meu filho? Tê-lo-ei perdido para sempre? Piedade! Piedade, meu Deus!

EVOCADOR – Vamos, acalmai o vosso desespero; considerai que, **se há um meio de rever vosso filho, não é blasfemando de Deus**, como ora o fazeis. Com isso, em vez de atrairdes a sua misericórdia, fazeis jus a maior severidade.

MÃE – Disseram-me que não mais o veria, e compreendi que o haviam levado ao paraíso. E eu, estarei acaso no inferno?... no inferno das mães? ... Ele existe, vejo-o constantemente.

EVOCADOR – **Vosso filho não está perdido**

para sempre; por certo tornareis a vê-lo, mas é preciso merecê-lo pela submissão à vontade de Deus, ao passo que a revolta poderá retardar indefinidamente esse momento. Ouvei-me: **Deus é infinitamente bom, mas é também infinitamente justo.** Assim, **ninguém é punido sem motivo,** e se sobre a Terra Ele vos infligiu grandes dores, é porque as merecestes. **A morte do vosso filho era uma prova à vossa resignação;** infelizmente, a ela sucumbistes quando em vida, e eis que após a morte de novo sucumbis. Como pretendéis que Deus recompense os filhos rebeldes? **Ele, porém, não é inexorável, e o arrependimento do culpado é sempre acolhido.** Se tivésseis aceito a provação com humildade; se houvésseis esperado com paciência o momento da vossa desencarnação, ao entrardes no mundo espiritual, onde vos achais, teríeis imediatamente avistado vosso filho, o qual vos receberia de braços abertos. Teríeis tido a satisfação de vê-lo radiante depois da ausência. Mas o que fizestes e ainda agora fazeis, coloca entre vós e ele uma barreira. **Não o julgueis perdido nas profundezas do espaço; não, ele se encontra mais perto de vós do que supondes;** apenas um véu impenetrável o subtrai à vossa vista. Ele vos vê e ama sempre, deplorando a triste condição em que caístes pela falta de confiança em Deus, aguardando ansioso o momento feliz em que se vos poderá tornar visível. De vós, somente, depende abreviar ou retardar esse momento. Orai a Deus e dizei comigo: “Meu Deus, perdoai-me por ter duvidado da vossa justiça e da vossa bondade; se me punistes, reconheço que o mereci. Dignai-vos aceitar meu

arrependimento e submissão à vossa santa vontade.”

MÃE – Que luz de esperança acabais de fazer despontar em minha alma! É qual relâmpago na noite escura que me cerca.

Obrigada, vou orar... Adeus.

C...

Comentário de Allan Kardec:

A morte, mesmo pelo suicídio, não produziu neste Espírito a ilusão de se julgar ainda vivo. Ele tem perfeita consciência do seu estado; é que para outros o castigo consiste naquela ilusão, pelos laços que o prendem ao corpo. Esta mulher quis deixar a Terra para seguir o filho na outra vida: **era, pois, necessário que soubesse aí estar realmente para ser punida, não revendo o filho, como desejava.** Não vê-lo corporalmente era a sua punição, sem falar no conhecimento exato da situação em que se encontrava. Assim é que **cada falta é punida de acordo com as circunstâncias que a determinam**, de modo que **não há punições uniformes** e constantes para as faltas do mesmo gênero. ⁽⁶³⁾ (caixa alta e itálico do original)

Eis aí o comovente diálogo com a mãe que suicidara para encontrar com o filho, mas infelizmente a afastou temporariamente dele.

Transcrevemos esse caso para que também ficasse evidenciada a necessidade de nós espíritas mantermos as designadas reuniões mediúnicas de esclarecimento aos desencarnados.

Em **O Céu e o Inferno**, há o caso de Anna Bitter que merece ser citado. Vejamos as explicações iniciais de Allan Kardec:

A perda de um filho adorado é motivo de cruciante pesar; ver, porém, o filho único, alvo de todas as esperanças, depositário de todas as afeições, definhar a olhos vistos e sem sofrimentos, por causas desconhecidas, por um desses caprichos da natureza que zombam da Ciência e, depois de esgotar todos os recursos, não haver por compensação uma esperança sequer; suportar essa angústia de todos os momentos, por longos anos, sem lhe prever o termo, é um suplício cruel que a fortuna agrava em vez de suavizar, dada a impossibilidade de vê-la fruída pelo ente adorado.

Esta era a situação do pai de Anna Bitter, que por isso se entregou a um íntimo desespero. Seu caráter se exasperava cada vez mais diante de tal espetáculo, cujo desfecho só poderia ser fatal, ainda que indeterminado. [...].

Depois de haver expiado o vácuo do insulamento, provocado pela perda da filha, morreu também o pai de Anna Bitter. A seguir, damos de

cada um deles as primeiras comunicações imediatas às respectivas desencarnações:

A filha – [...].

O pai [um mês depois da morte] – P. *Evocando-vos, temos por fim nos informarmos da vossa situação no mundo dos Espíritos e vos ser úteis na medida das nossas forças. [...].*

[...].

P. *Por que, então, não podeis divisar outros Espíritos que vos rodeiam?* – R. Ignoro-o, embora tudo esteja bem claro em torno de mim.

P. **Ainda não vistes a vossa filha?** – R. Não, ela está morta; **procuro-a, chamo por ela inutilmente.** Que vácuo horrível a sua morte me deixou na Terra! Morrendo, julgava encontrá-la, mas nada! Sempre isolado! Ninguém me dirige uma palavra de consolação e de esperança. **Adeus; vou procurar minha filha.**

O guia do médium – Este homem não era ateu nem materialista, mas daqueles que creem vagamente, sem se preocuparem com Deus e com o futuro, visto que se deixam absorver pelos interesses terrenos. **Profundamente egoísta, sacrificaria tudo para salvar a filha, mas também sem o mínimo escrúpulo sacrificaria os interesses de terceiros em seu proveito pessoal. Não se interessava por ninguém, além da filha.** Deus o puniu da forma como o vistes, arrebatando-lhe da Terra a única consolação; e como ele não se arrependesse, o sequestro subsiste no mundo espiritual. **Não se interessando por ninguém no planeta, também**

aqui ninguém se interessa por ele. Permanece só, abandonado, e nisso consiste a sua punição. Sua filha, entretanto, está junto dele, embora não a veja; se a visse não seria punido. Mas que faz ele em tais conjunturas? Dirige-se a Deus? Arrepende-se? Não; murmura sempre, blasfema até, fazendo, em síntese, o que fazia na Terra. Ajudai-o, pois, pela prece e por meio de bons conselhos, a fim de que se liberte da sua cegueira.
(⁶⁴)

Eis mais uma situação que nos afasta de sermos acolhidos pelos nossos afetos após a nossa morte.

No artigo “Os mistérios da Torre de Saind-Michel de Bordeaux”, constante da **Revista Espírita 1862**, mês novembro, narra que numa das adegas da torre foi encontrado um certo número de cadáveres mumificados. Um deles que tinha o aspecto de ter sido enterrado vivo foi evocado e na sua manifestação disse chamar-se Guillaume Remone, explicando que sua morte daquela forma foi por expiação, porquanto, por ciúme, sufocou sua esposa até a morte. Desse diálogo, citaremos a pergunta 14 e também a 18, para dela destacar os comentários de Allan Kardec:

14.- Quando foi possível deixar o corpo onde vos encontrastes? R – **Vi-me cercado por uma porção de Espíritos, como eu cheios de dor, não ousando levantar para Deus o coração ainda ligado à Terra e desesperançado de receber o perdão.**

Observação: Ligado ao corpo, e sofrendo ainda as torturas dos últimos instantes, pois **se achava entre Espíritos sofredores, desesperando do perdão, não é o inferno com o choro e ranger de dentes?** Será necessário construir um forno com chamas e tridentes? Como é sabido, **a crença na perpetuidade dos sofrimentos é um dos castigos infligidos aos Espíritos culposos.** Tal estado durará enquanto os Espíritos não se arrependerem, e durará sempre se nunca se arrependerem, pois Deus só perdoa ao pecador arrependido. Desde que o arrependimento lhe entre no coração, um raio de esperança deixar-lhe-á entrever a possibilidade de um termo a seus males. Mas **não basta o simples arrependimento: Deus quer a expiação e a reparação;** e é pelas reencarnações que Deus dá aos Espíritos imperfeitos a possibilidade de melhora. **Na erraticidade eles tomam resoluções que tentam executar na vida corpórea.** É assim que, em cada existência, deixando algumas impurezas, gradativamente se aperfeiçoam e dão um passo à frente para a felicidade eterna. **Jamais lhes é fechada a porta da felicidade, que atingem num tempo mais ou menos longo, conforme a vontade e o trabalho que fizerem sobre si mesmos para se melhorarem.**

18.-- **Revistes a esposa no mundo espírita? R**
– **Foi o primeiro Espírito que me apareceu, como que para censurar meu crime.** Eu a vi durante muito tempo, também infeliz. Só depois que foi decidida a minha reencarnação é que me livre de sua presença.

Observação: **A visão contínua das vítimas é um dos castigos mais comumente infligidos aos Espíritos criminosos.** Os que mergulham nas trevas – o que é muito frequente – nem sempre podem escapar. **Nada veem senão aquilo que lhes lembra o crime.** ⁽⁶⁵⁾

Provavelmente, essa visão da cena do crime acontecerá todas as vezes que fizemos algum mal contra os parentes e amigos, que, por conta disso, podem se tornar nossos inimigos.

Completando, trazemos esse trecho de um comentário de Allan Kardec a respeito do artigo “Jean Ryzak, o poder do remorso”, publicado na **Revista Espírita 1867**, mês de agosto:

Se o remorso já é um suplício sobre a Terra, quanto esse suplício será maior no mundo dos Espíritos, onde **não se pode subtrair-se à visão daqueles que se ofendeu!** Felizes aqueles que tenham reparado, desde esta vida, poderão sem medo afrontar todos os olhares no mundo onde

nada está escondido. ⁽⁶⁶⁾

No tempo apropriado, quando lhe surgir o arrependimento e a vontade de reparar o erro, essa visão terá fim.

Os sentimentos negativos dos encarnados

O que muitos não sabem, por falta de conhecimento da vida espiritual, é que determinados sentimentos que nós encarnados nutrimos podem repercutir negativamente em nossos entes queridos desencarnados. Na prática, nós mais atrapalhamos que ajudamos.

Em ***A Crise da Morte***, temos o caso XIV, que Ernesto Bozzano informa ter extraído da revista *Light*, cujo nome do Espírito comunicante não foi informado; o diretor da revista, Mr. David Gow, apenas esclareceu se tratar de “um conhecido personagem americano, que tinha em vida um importante cargo municipal”:

[...] Entretanto, por mais que eu me afastasse do ambiente terreno, **continuava a ter plena consciência de tudo o que acontecia em minha casa. Via a minha filha sentido dor imensa, e o seu espírito estava tão profundamente atingido pelo sofrimento**, que parecia interpor-se como

uma sombria nuvem entre mim e ela e **insinuava-se em meu ser provocando-me um sentimento doloroso de torpor**. Desejo que saiba que as crises de dor excessiva no leito de morte transformam-se em uma grande barreira que se interpõe entre os vivos, atingidos pelo sofrimento, e o espírito do desencarnado pelo qual eles choram. **E trata-se de uma barreira real e insuperável através da qual nós não podemos entrar em contato com quem se desespera por causa da nossa morte**. E não é só. **As crises de dor exagerada vinculam os espíritos desencarnados ao ambiente terreno, retardando o seu ingresso no mundo espiritual** porque se com a morte cessa toda e qualquer relação entre os espíritos dos defuntos e o organismo físico dos vivos, em contrapartida **os espíritos dos mortos tornam-se extremamente sensíveis as vibrações do pensamento dos seus entes queridos**. Aconselho, portanto, aos vivos que perderam alguma pessoa querida – não importa quão grande seja a perda e legítima a dor – **que se mostrem fortes, custe o que custar, sufocando toda expressão de pesar e mostrando-se com o semblante sereno por ocasião do funeral**. Comportando-se dessa maneira, eles trarão uma grande melhora na atmosfera fluídica que envolve os desencarnados, uma vez que **a serenidade nos corações e nos rostos dos nossos entes queridos irradia vibrações luminosas que nos atraem, como a borboleta é atraída pela luz na noite**, enquanto a dor irradia vibrações sombrias e nocivas para nós, as quais assumem a aparência de uma nuvem

tenebrosa que envolve os nossos bem- amados. **Lembrem-se de que somos extremamente sensíveis às impressões vibratórias que chegam até nós com a dor dos nossos entes queridos**, o que acontece porque os nossos corpos etéreos estão afinados em uma escala vibratória altíssima, que não tem absolutamente nada em comum com a escala vibratória dos corpos carnis... (67)

Julgamos oportuno trazer essa informação para que as pessoas que “perderam” – aqui é só figura de linguagem, pois ele continua vivo na outra dimensão da vida – algum ente querido não se desesperem nem se revoltem, uma vez que as vibrações negativas desses sentimentos repercutirão danosamente no desencarnado. Pode, inclusive, “atrasar” seu progresso no mundo espiritual, pois não conseguirão se “desligar” facilmente do ambiente terreno.

Tudo que nos acontece tem sua razão de ser, sempre está ligado à nossa escolha antes de encarnamos. O fato é: não existem os termos “castigo” ou “punição” no código universal da vida.

Para exemplificar, tomaremos de **A Vida**

Triunfa alguns trechos do Caso nº 1 – José Roberto Pereira da Silva, aluno da Faculdade de Medicina em Mogi das Cruzes, que desencarnou em 8 de junho de 1972, aos 18 anos vitimado por acidente ferroviário:

Não chore mais, mãezinha, e peça ao querido papai que me auxilie com a fortaleza que ele vai reconstruindo pouco a pouco...

Desde aquela manhã final de 8 de junho, a saudade ficou mesmo entre nós, mas o amor cresceu e cresce cada vez mais. E é no amor que vivemos, porque o amor é a presença de Deus. **Ajudem-me. Não lastimem a partida inesperada do filho que desejaria ter ficado...** Entretanto, a lei de Deus sabe mais que os nossos desejos. Se pudesse, teria permanecido sempre, até que pudéssemos avançar todos juntos no tempo, sem separação e sem morte. **Não creiam que o sofrimento do adeus não está igualmente aqui...** Estamos vivos e quase felizes, mas é preciso lembrar que esse quase é a lâmina que a saudade significa em nosso coração firme na fé. Estamos contentes e renovados, **mas a despedida dói mais porque o pranto dos que amamos é chuva de aflições sobre nós.**

Lembro, mãezinha querida, o papai trabalhando para entesourar os recursos diante do futuro. Lembro-me que ele me pedia para dar toda a atenção aos estudos, enquanto sonhava com um hospital em que a medicina me aguardava para cumprir encargos de amor ao pé dos doentes...

Rogo a ele que não desanime, nem se canse.

...

[...].

Papai, escute o meu grito. Não morri, não!

Trabalhe, meu pai, guarde o seu ânimo de homem de bem. **Não queira morrer para reencontrar-me**, porque eu prossigo vivendo para reencontrá-lo, a cada dia mais encorajado para a luta em seu favor.

Não me procure chorando e chamando por mim, no recanto da terra onde meu retrato ficou arquivado!

Agradeço o seu carinho, meu querido pai, suas preces e suas manifestações de amor, e peço a Deus que lhe recompense a abnegação, mas **não procure por seu filho a pedir com tanta dor para que a nossa dor necessária não exista**. O tempo com a benção de Deus nos ajudará.

Rogo-lhe viver e viver criando felicidade e progresso para nós todos. O trem de Moji, no dia 8 de junho do ano passado, não trouxe para cá os rapazes todos. **O senhor queria que eu ficasse aí para realizar os seus ideais, no entanto, eu não estou morto, meu pai! Estou vivo!** E trabalharei com as suas mãos.

Você queria seu filho num hospital para atender às crianças e satisfazer as necessidades dos enfermos sem maiores recursos ⁽⁶⁸⁾... E quem diz que não vou servir?

Agora conheço mais profundamente a nossa gruta de Maquiné ⁽⁶⁹⁾ das conversações e até o

padre João de Santo Antônio ⁽⁷⁰⁾, que nossa família sempre honrou com abençoada devoção, **veio me ver e abraçar em nome do carinho dos antepassados**, aqueles mesmos, papai, que puseram no seu peito de missionário do bem o coração generoso que o senhor traz na alma. ⁽⁷¹⁾

Eis um retrato que bem “enquadraria” muito de nós, ao não nos conformamos com a perda do ente querido, trazendo dor e sofrimento a ele.

Conclusão

Em ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, no cap. XIV - Honrai a vosso pai e a vossa mãe, no tópico “Parentela corpórea e parentela espiritual”, Allan Kardec disse que:

Os verdadeiros laços de família não são, pois, os da consanguinidade, e sim os da simpatia e da comunhão de pensamentos, que **prendem os Espíritos, antes, durante e depois de suas encarnações.** ⁽⁷²⁾ (itálico do original)

No trecho “depois de suas encarnações”, entendemos justamente o período pelo qual passa os Espíritos entre uma encarnação e outra, designado de erraticidade.

O acontecimento comum a todos os Espíritos, embora seja variável o tempo, é que “Na erraticidade, o Espírito descortina, de um lado, todas as suas existências passadas.” ⁽⁷³⁾. Ora, isso faz com que venhamos a ter consciência de que entre os

parentes e amigos muitos há os que estamos ligados desde eras remotas, portanto, os laços de amor que nos unem se fortalecem cada vez mais ao longo de nosso processo evolutivo.

Por outro lado, que consolo sabermos que encontraremos com os parentes e amigos que nos são caros, pois a crença de que os perdemos bem como a dor que isso nos causou irão definitivamente ter fim.

A imagem do retorno ao mundo espiritual como sendo o regresso de uma grande viagem é bem significativa, pois põe a descoberto a alegria incomensurável que sentiremos ao “revê-los”.

A grande verdade, que nos deixa tranquilos, consta da obra **A Crise da Morte**, na qual o Espírito A. H. Stockwell deixou bem claro que:

“[...] Mas ele [o espírito desencarnado] não chega ao mundo espiritual como um desamparado, e **quase nunca é deixado à mercê de si mesmo**: cada espírito, quase sem exceção, ao emergir da crise da morte, **é acolhido pelos espíritos mais indicados para confortá-lo, aconselhá-lo, assisti-lo...**” (74)

Referências bibliográficas

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada - Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada - Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada - Vozes. 8ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. São Paulo: Maltese, 1991.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 5***. São Paulo: Candeia, 1995.

EHRMAN, B. D. ***O Problema com Deus***. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

KARDEC, A. ***A Gênese***. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. ***Obras Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Sobradinho (DF): Edicel, 2014.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.

Internet:

CAPA, **O desencarne**, disponível em:

<https://chicodeminasxavier.com.br/wp-content/uploads/2018/03/DESENCARNE.jpg>. Acesso em: 01 out. 2023.

A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL, **Desencarnação Parte III - Velório de Dimas**, disponível em:

<https://avidanomundoespiritual.com.br/wp-content/uploads/2013/05/desencarne-de-dimas1.jpg>. Acesso em: 02 nov. 2023.

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA ALLAN KARDEC, **Desligamento da alma do corpo no momento da morte**

(adaptado), disponível em:

https://kardecriopreto.com.br/wp-content/uploads/2017/11/dessoma_legendas_V2-1024x744.jpg. Acesso em: 10 dez. 2023.

GUIA-HEU, **Classes de Espíritos**, disponível em:
<http://www.guia.heu.nom.br/images/ClasseDeEspiritos2.jpg>. Acesso em: 01 out. 2023.

WIKIPÉDIA, **Levirato**, disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Levirato>. Acesso em: 01 out. 2023.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 5) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*; 9) *Os nomes dos títulos dos*

Evangelhos designam seus autores?; 10) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 12) A mulher na Bíblia; 13) Todos nós somos médiuns?; 14) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 15) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 16) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 17) O fim dos tempos está próximo?; 18) Obsessão, processo de cura de casos graves; 19) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 20) A aura e os chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 22) Espiritismo: Religião sem dúvida; 23) Allan Kardec e suas reencarnações; 24) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; 25) EQM: prova da sobrevivência da alma; 26) A perturbação durante a vida intrauterina; 27) Os animais: percepções, manifestações e evolução; e 28) Reencarnação e as pesquisas científicas.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 Associação Espírita Allan Kardec, *desligamento da alma do corpo no momento da morte* (adaptado) disponível em:
https://kardecriopreto.com.br/wp-content/uploads/2017/11/dessoma_legendas_V2-1024x744.jpg
- 2 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 32.
- 3 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1818-1819.
- 4 *Dicionário Prático Barsa*, p. 166.
- 5 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 111.
- 6 GUIA-HEU, *Classes de Espíritos*, disponível em:
<http://www.guia.heu.nom.br/images/ClasseDeEspiritos2.jpg>
- 7 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 100.
- 8 WIKIPÉDIA, *Levirato*, disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Levirato>
- 9 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Vol. 5*, p. 342-343.
- 10 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 173-174.
- 11 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 174.
- 12 A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL, *Desencarnação Parte III – Velório de Dimas*, disponível em:
<https://avidanomundoespiritual.com.br/wp-content/uploads/2013/05/desencarne-de-dimas1.jpg>
- 13 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 174-175.
- 14 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 176.
- 15 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 212.
- 16 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 72-73.
- 17 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 87.
- 18 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 342-343.
- 19 EHRMAN, *O Problema com Deus*, p. 226.
- 20 *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 1539.
- 21 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172.
- 22 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 173.

- 23 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 238.
- 24 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 264.
- 25 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 238-239 e 244.
- 26 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 158.
- 27 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172-173.
- 28 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 211.
- 29 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 23.
- 30 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 115.
- 31 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 360.
- 32 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 245.
- 33 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 276.
- 34 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 88.
- 35 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 158-159.
- 36 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 174.
- 37 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 168.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 77-78.
- 39 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 14.
- 40 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 34.
- 41 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 37-38.
- 42 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 60.
- 43 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 94-95.
- 44 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 100-102.
- 45 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 105.
- 46 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 130.
- 47 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 137.
- 48 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 143.
- 49 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 144-145.
- 50 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 172.
- 51 SEVERINO e EQUIPE AME-SP, *A Vida Triunfa: Pesquisa Sobre Mensagens que Chico Xavier Recebeu*, p. 267.

- 52 SEVERINO e EQUIPE AME-SP, *A Vida Triunfa: Pesquisa Sobre Mensagens que Chico Xavier Recebeu*, p. 269.
- 53 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 91.
- 54 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 174.
- 55 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 175
- 56 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 212.
- 57 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 399, p. 205.
- 58 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, cap. V, p. 287.
- 59 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 223.
- 60 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 175-176.
- 61 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 145.
- 62 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 304.
- 63 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 267-269.
- 64 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 364-367.
- 65 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 351-353.
- 66 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 245.
- 67 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 100-101.
- 68 N.T.: Desde que o filho era pequeno o Sr. Nery aconselhava-o a ser médico e, assim, poder se dedicar aos enfermos sem recursos. Fato que é lembrado na carta com a promessa do cumprimento da dívida com o trabalho no mundo espiritual.
- 69 N.T.: Quando Beto era pequeno, seu pai levou-o a visitar a gruta de Maquiné, terra de seus avós maternos.
- 70 N.T.: Padre João de Santo Antônio é falecido a há 50 anos. Somente dona Otília, mãe de dona Lucy, conhecia o clérigo.
- 71 SEVERINO e EQUIPE AME-SP, *A Vida Triunfa: Pesquisa Sobre Mensagens que Chico Xavier Recebeu*, p. 38-39.
- 72 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 195.
- 73 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 975, p. 424.
- 74 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 39.